



EDUCAÇÃO E CENSURA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLEÇÃO HISTÓRIA DO BRASIL DA ED. FTD (1964)

Heder Claudio Oliveira Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: hc_heder@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é o resultado da inquietude em relação ao atual momento histórico, marcado pela barbárie do modo de produção capitalista, seus desdobramentos nas diversas e indissociáveis porções da sociedade e sua manifestação na luta de classes. Não obstante, os setores mais reacionários e retrógrados da sociedade burguesa operam frequentes investidas contra à produção do conhecimento – notadamente, no encômio às perspectivas pseudocientíficas e na defesa ao anti-intelectualismo -, em detrimento da ciência, da educação e das concepções racionais que buscam conhecer e entender o universo, o mundo e os seres humanos. Essas características que assolaram o século XX e continuam a fazê-lo no primeiro quartel do século XXI são intensificadas pelo exercício da censura, em maior ou menor escala, quando: as burguesias nacionais, por um lado; e a burguesia mundial, por outro; consideram indispensável sua aplicação para atenuar a realidade e reforçar o caráter ideológico da sua dominação.

Seja no elogio aos imperadores romanos através dos panegíricos escritos no século IV; no monopólio eclesiástico da educação, nos tempos medievais; ou no completo controle da imprensa, durante as ditaduras latino-americanas do século XX, a censura foi (e ainda é) empregada em favor da classe dominante dentro das diversas sociedades históricas. O “remodelamento da verdade”, através do controle das informações e das notícias, aliado aos poderosos mecanismos de propaganda (sustentados pelo Estado), mostraram-se eficientes ferramentas de dominação sobre as classes trabalhadoras.

Nesse estudo, analisamos a coleção “História do Brasil”, da Ed. FTD, composta por cinco volumes que foram publicados em 1964. Investigando esse *corpus*, buscamos evidenciar algumas das formas de opressão invisibilizadas pela ideologia, que normatiza as ações da classe dirigente, empregando, sempre que necessário, os princípios da pseudociência, do anti-intelectualismo e do cerceamento da liberdade de pensamento.

Partimos da hipótese de que a referida coleção apresenta notáveis informações históricas que destoam da realidade, forjando falsas verdades que aspiram a criação de

1107



uma “história oficial”, limitada às “grandes personalidades políticas” e aos “acontecimentos memoráveis”, desprezando e ignorando a luta de classes e as contradições existentes sob o atual modo de produção.

Ressaltamos que, com a ascensão do regime militar no Brasil, em 1964, não apenas os meios de comunicação vigentes sofreram o furor do Estado, mas também, foram meticulosamente reprimidos: os movimentos sociais, as organizações estudantis, as universidades e toda e qualquer forma de liberdade de pensamento dentro da educação, das artes, da cultura, da literatura e em todos os campos da sociedade. A modesta liberdade de pensamento vivenciada no Brasil, em idos do segundo quartel do século XX, foi bruscamente interrompida pelo golpe, alterando toda a dinâmica de funcionamento dos ambientes escolares, acadêmicos e literários e interrompendo as décadas de avanços na educação brasileira. Justamente nessa repentina metamorfose, foram apressadamente produzidos e publicados os exemplares que compõem o nosso *corpus*, logo, são produtos sociais do seu tempo histórico, portanto, não poderíamos desconsiderar esse elemento em nossa análise.

Nessas particularidades enquadramos a coleção “História do Brasil, da ED. FTD”: emprega uma visão maniqueísta da história, exacerbando seu apreço ao militarismo e ao anticomunismo, exaltando as “grandes personalidades históricas” marcadas pelo conceito de “heroísmo nacional”. Ademais, concebe como pertencente à “história real/oficial” apenas as informações contidas nas fontes escritas: cartas, depoimentos, entrevistas, discursos, atos institucionais e afins. Essas fontes, coincidentemente, foram produzidas por interlocutores cujas opiniões convergem com o regime em vigor no período de sua produção - a ditadura militar do Brasil (1964-1985). A coleção não possui nenhum grau de criticidade, limitando-se as narrativas unilaterais e superficiais que desconsideram a realidade material, em favor da retórica do desenvolvimento da “Pátria Amada”.

Embora tenhamos nos debruçado sobre uma escala local, não podemos deixar de levar em consideração o pertencimento do Brasil, um país da periferia do capitalismo, à conjuntura global. Esse estudo se justifica, primeiramente, por sua atualidade, visto que, educação e censura são conceitos, ao mesmo tempo, contrapostos e esporadicamente coexistentes na história. Nessa concepção, pensar tal relação viabiliza reflexões sobre o mundo contemporâneo e contribui para melhor compreensão de uma discussão que



esteve adormecida até meados da última década¹. Em segundo lugar, existem documentos suficientes para viabilizar a pesquisa, garantindo o conjunto necessário de materiais empíricos que reforçam sua lisura e seu compromisso com a produção do conhecimento. Por fim, salientamos a importância de combater, de forma crítica e consistente, o avanço da pseudociência e do anti-intelectualismo, no último decênio, precipuamente, no Ocidente e as contribuições que esse trabalho oferece.

A construção de “verdades oficiais”, que deturpam os fatos históricos e a realidade concreta com retóricas que buscam a consolidação de governos, não é uma novidade. Sob diversos regimes, inclusive no Brasil, a violência estatal foi contrabalançada com constructos ideológicos que tencionavam a estabilidade política e a anulação dos focos de oposição, mormente, quando as “conciliações” entre as classes falhavam. A censura é nesse sentido, simultaneamente, uma forma de violência que se manifesta fisicamente e, também, a consolidação da ideologia dominante. Consequentemente, chegamos ao seguinte problema: como a censura implementada com a instauração do regime militar interferiu na produção da coleção “História do Brasil”, publicada em 1964? Podemos relacionar os impactos dessa censura aos atuais ataques do conservadorismo contra intelectuais, educadores, pesquisadores, artistas, entre outros, primordialmente na última década?

Nas obras supraditas, o ímpeto para a formulação ideológica da sensação de “bem estar social”, fundamental para a consolidação do regime militar, convergiu com a censura inerente ao seu contexto. Propositamente, os três primeiros volumes da coleção, narram, aproximadamente, quatrocentos e sessenta anos da história do Brasil; enquanto os dois volumes finais são dedicados aos cinco anos que se seguem, assim, o seu foco é justamente nos antecedentes imediatos à ascensão do regime militar e nos primeiros meses que se seguem após o golpe. A palavra “golpe”, para se referir ao referido regime, é obliterada e em seu lugar é adicionado enfaticamente o termo “revolução”. O anticomunismo é exaltado como um compromisso nacional e a UNE é qualificada como facção criminosa. A narrativa é reforçada por documentos incorporados ao texto, principalmente, discursos de políticos e militares que recebem títulos como “ilustríssimo” e “Sr. Marechal”.

¹ Em idos da década de 2010, com as investidas dos grupos políticos mais conservadores no cenário eleitoral brasileiro, foram reavivadas diversas discussões e polêmicas que estiveram adormecidas desde o início da redemocratização. Dentre essas discussões, assinalamos os binômios liberdade-censura e democracia-ditadura.



Ademais, a abordagem presente nos cinco volumes é isenta de qualquer crítica sobre a realidade social, política e econômica da história do Brasil, destarte, é acrítica, restringindo sua narrativa ao pretencioso elogio dos “acontecimentos memoráveis” como: a “descoberta do Brasil”, o “desbravamento dos bandeirantes”, a “revolução tenentista” e a “vitoriosa revolução de 31 de março de 1964”.

METODOLOGIA

O presente trabalho possui as características de comparação e contextualização entre as obras supraditas e o período da sua produção, estabelecendo uma ligação interdisciplinar que reúne história e literatura. Dessa maneira, a metodologia empregada estabelece a leitura e a análise das fontes, contrabalançando e comparando-as com notícias, citações de textos e demais fontes confiáveis que expõem a realidade vivenciada entre as décadas de 1960 e 1980, no Brasil e na América Latina, revelando as disparidades entre o *corpus* e os vestígios históricos, em uma comparação na qual poucos aspectos convergem e muitos dos elementos se negam.

Nossa abordagem está alicerçada pelo materialismo histórico, que considera as contradições como relações construídas historicamente e que, portanto, não são e não podem ser eternas, evidenciando assim, que a própria história está em constante movimento. As categorias “ideologia”, “totalidade” e “luta de classes” foram fundamentais na análise do nosso objeto de investigação.

CONCLUSÕES

No que concerne à educação - tomada na sua intrínseca relação com a realidade social e no seu inevitável pertencimento a essa mesma realidade -, a censura e qualquer outra forma de violência são ainda mais perceptíveis e nocivas. Tanto na perseguição aos intelectuais, professores e estudantes ou na proibição da circulação dos textos e livros qualificados como “subversivos”; quanto na composição da “literatura oficial”, posta como “absoluta”, “fidedigna” e “genuína”; a censura manifesta sua hostilidade de diversas formas e, em todas elas, a natureza ideológica está presente. Nessa constatação está manifesto o melhor espírito do materialismo histórico, que postula a importância da ideologia na luta de classes, como postulou o próprio Marx (2007, p. 47) “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante”.



A compilação de livros sobre história do Brasil que analisamos é marcada por uma particularidade comum nas produções literárias publicadas a partir do mês de abril de 1964: a censura, manifesta na construção de uma perspectiva maniqueísta e unilateral da realidade brasileira. Como resultado, sua narrativa dissemina a retórica do “heroísmo nacional contra a ameaça comunista”, associando as personalidades ligadas ao militarismo brasileiro à ideia de “promotores da ordem e da justiça”, “defensores da nação”, “combatentes da ameaça vermelha”, dentre outras aptidões e epítetos. Após quase quatro décadas do fim da ditadura militar no Brasil, em um contexto no qual a exaltação do militarismo e o apoio à censura foram reavivados, nada mais coerente e necessário do que combater essa onda de conservadorismo que implica diretamente na educação, na ciência e na produção do conhecimento.

1111

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Censura. História. Brasil. Ideologia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Egídio de; BATALHA, José Antônio de Carvalho; TOMÁS, Cláudio Maria. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 1, 1964.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 2, 1964.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 3, 1964.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 4, 1964.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 5, 1964.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: FTD, vol. 6, 1964.

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

Realização:



Apoio:

